

OPINIÃO

Ganhador da Mega-Sena em Belém se apresentou. Página 3.

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALISTASPresidente
Lucidéa Batista MaioranaPresidente Executivo
Romulo Maiorana Jr.Diretor Jurídico
Ronaldo Maiorana
(OAB-PA 8667)Diretora Administrativa
Rosângela Maiorana KzanDiretora Comercial
Rosemary MaioranaDiretor Industrial
João Pojucam de Moraes FilhoDiretor Corporativo de Jornalismo
Walmir Botelho D'OliveiraDiretor de Novos Negócios
Ribamar GomesDiretor de Marketing
Guarany JúniorDiretores
José Edson Salame
José Luiz Sá PereiraEditor-Chefe
Lázaro Moraes**O LIBERAL** é editado por
Delta Publicidade S/A
CNPJ. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 032.632-5**Administração, Redação,
Centro Tecnológico Gráfico,
Publicidade**Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-000.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Fax: (091) 3216-1143.
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados
são livre manifestação do pensamento de
seus autores e não representam a opinião
do jornal.**Sucursal Centro/
Centro-Oeste**Diretor:
Fábio Andrade► **Brasília-DF**
SRTVN Q.701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte,
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax (61)-3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/
Sul/Nordeste**Diretor:
Carlos Namur► **São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua: Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax: (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsaopaulo@oliberal.com.br► **Rio de Janeiro-RJ**
Edifício Dijon Business Center.
Rua Farne de Amoedo, 56 - Cj. 506 e
507 - Ipanema. Cep. 22420-020 - Rio
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.► **Dias úteis R\$ 2,00**
► **Domingo R\$ 4,00****Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xinguara, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.► **Dias úteis R\$ 2,50**
► **Domingo R\$ 4,50****Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00****Zona IV** - Demais Estados► **Dias úteis R\$ 4,50**
► **Domingo R\$ 9,00****Zona V** - Macapá► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00****Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

josé seráfico**Capitalismo do século XIX**

Quando se acusa as elites brasileiras como das piores de todo o mundo, há pessoas que consideram injusto tal conceito. Em geral, tal resistência vem das mesmas pessoas que condenam a conduta mais de políticos, autoridades públicas, magistrados, professores e jornalistas. Estes, portanto, seriam os responsáveis pela iniquidade reinante. Todos os males sociais decorreriam da ação desses agentes, entendida como preconceituosa e enviesada.

Quando à média, o curioso é ver muitos de seus representantes mais influentes fazerem coro com os que reclamam quando medidas saneadoras são ao menos ensaiadas. Veja-se, apenas para exemplificar, a resistência à ação benfazeja do Conselho Nacional de Justiça.

É sabido quanto alguns membros do Poder Judiciário se têm envolvido em falcaturas semelhantes às que chegam, via o devido processo legal, à sua apreciação. Também se podem levantar hipóteses verossímeis para explicar muitos dos desvios verificados. O que fica fora de dúvida é a presença, também no poder que deveria funcionar como fiador da democracia, de corpos estranhos ao meio. Sua remoção, no entanto, tem ocorrido, ainda que permaneça discutível a gravidade das penas impostas.

Da mesma forma, políticos corruptos têm sido excluídos das casas legislativas, tanto quanto servidores públicos (até ministros) são mandados para casa mais cedo.

Ainda que estejamos muito distantes de eficaz atuação contra os corruptos e corruptores, é forçoso reconhecer já ter sido pior. Por enquanto, mesmo a média tende a lançar suas lanternas contra os corruptos, fingindo ignorar a essencialidade da presença do outro - o corruptor, na configuração do tipo penal de que se trata.

Graças a essa leniência, podem

Mesmo o mais injusto capitalismo praticado em outros países não chegou a tanto, em termos de ofensa aos direitos da pessoa humana.

prosperar condutas como a retratada na lista suja do trabalho escravo. No final da última semana, a lista dos que teimam em praticar atos condenados desde o final do século XIX alcançou quase três centenas de nomes. Extenso é o rol de setores envolvidos na desumana prática, sequer escapando dele profissionais liberais e diversos segmentos empresariais. Quanto aos primeiros, o mínimo que se pode esperar é que os conselhos competentes os chamem à ordem. Assim tem ocorrido em expressivo número de casos, não sendo poucos os profissionais que tiveram cassadas suas inscrições.

Causa incômodo, portanto, desconhecer qualquer gesto ou providência partida das entidades representativas dos segmentos empresariais incluídos na lista suja, capaz de afastar a suspeita de corporativismo ou cumplicidade. Por enquanto, não se conhece um só exemplo disso.

Torna-se vazia, por consequência, qualquer pretensão de reduzir o grau de corrupção existente no País. Ao contrário, a proteção, defesa e preservação dos que corrompem leva a crer na aprovação de sua conduta deletéria.

No caso específico do trabalho escravo e do trabalho infantil, o Pará ofereceu a maior contribuição a nova lista. Aqui, nove nomes aparecem dentre os novos integrantes do rol desonroso. É a parte paraense do arco do desmatamento onde mais registros ocorrem.

Os novos nomes destacam os setores sucroalcooleiro e madeireiro, as empreiteiras, além de médicos e políticos. Mais grave, o trabalho escravo responderia por cerca de 25% do PIB.

Ora, convenhamos que mesmo o

mais injusto capitalismo (com perdão da redundância) praticado em outros países não chegou a tanto, em termos de ofensa aos direitos da pessoa humana. Os números do trabalho escravo no Brasil desautorizam qualquer dos apressados críticos da economia chinesa a condenar as condições em que trabalham os operários daquele país oriental.

Óbvio que trabalho escravo e capitalismo constituem contradição nos próprios termos, eis que tal sistema econômico se baseia nas relações entre os patrões e empregados. O conceito de trabalho assalariado, assim, é parte do próprio conceito de capitalismo.

Também o é o do risco, como sabemos absolutamente eliminado do dicionário brasileiro. Riscos, aqui, devem todos ser corridos pela população e, no limite, pelo poder público. Por isso, socializam-se os prejuízos, ao mesmo tempo em que se asseguram os bons resultados para as empresas. Vale, aqui, mesmo a escravidão.

Esse capitalismo torto, capaz de despertar amplos setores norte-americanos para a falácia de sua tão incensada democracia, no caso brasileiro incorpora ingredientes ainda mais perversos. Já não basta, aqui, a exagerada concentração da riqueza; é preciso aumentá-la ainda mais, mesmo sob o trabalho escravo.

Se ainda sobra algum pó dos ossos de Luís Gama, José do Patrocínio, Castro Alves e Euzébio de Queiroz, imaginemos quanta poeira estará levantando. Ainda que não seja a mesma com que verborragia leviana tenta esconder a verdadeira realidade.

■ **José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.**

E-mail: jserafico@uol.com.br

**rui raiol****Humanidade flutuante**

Segundo uma visão espacial de nossa existência, somos todos astronautas flutuantes. Vivemos submersos na camada atmosférica da Terra, sua porção mais baixa, onde o oxigênio se amolda a todas as formas, formando o contorno mais perfeito. Diferenciamos-nos dos cientistas do espaço apenas pela gravidade. É esta força que nos puxa para baixo, que numa linguagem não-verbal determina que o nosso lugar é aqui. Pelo menos por enquanto. Mas vivemos suspensos. Cada passo, cada gesto, uma tentativa de fuga. Humanidade flutuante.

Se os peixes não conseguem viver fora d'água, tampouco nós podemos viver sem ar. Nosso oxigênio não é líquido. Gás. Uma bolha que circunda a Terra em espessa camada, por nós muitos quilômetros. Se subimos uma montanha, a rarefação afeta diretamente nosso corpo. Então, precisamos descer rápido. Mergulhar. Flutuar. A vida acontece dentro desta faixa espacial, onde escrevo, onde você lê. Somos humanidade flutuante. Sem exceção alguma. Sem taxaço de serviço, pelo menos antes que algum político loteie a atmosfera. Privatize. Negocie. Enquanto ele não aparece, vamos flutuando livremente, sem barreiras, sem fronteiras.

Esta flutuação é um fenômeno com-

Cada corpo flutuante irá um dia aterrissar. Voltar ao pó. E se isto não acontecer por um acidente de percurso, acontecerá pelo avançar dos anos.

plexo, que nos envolve por dentro e por fora. O oxigênio que preenche todos os vazios geográficos é o mesmo que alimenta nossos pulmões. Respirar é viver. E vivemos assim, enchendo-nos de ar. É isto que nos torna corpos flutuantes dessa grande bolha. Nada é fixo em nossa vida. Só os nossos bens imóveis conseguem ficar parados. Quando conseguimos, bem amarrados ao solo. A gente, não. Voamos. Vivemos um constante ensaio do que nos sucederá mais tarde. Humanidade flutuante.

Somos humanidade flutuante também porque passamos. Cada corpo flutuante irá um dia aterrissar. Voltar ao pó. E se isto não acontecer por um acidente de percurso, acontecerá pelo avançar dos anos. Nosso corpo envelhecerá, vencerá a gravidade, quando, paulatinamente, nos forçar a descer de vez ao chão. Cada músculo. Cada órgão. Cada tecido. E, por incrível que pareça, a gravidade terá um aliado nesse combate: o oxigênio. Ele que nos fez flutuar, nos enchendo de vida por dentro e por fora, fará envelhecer nossas artérias. Assim, vamos reduzindo nossa marcha. Parando. Até quando finalmente cessar nosso passeio por

este belo planeta.

Numa macrovisão, toda a humanidade se renova a cada século. Cem anos. Para não deixar ninguém pulando de graça, salvo algum terráqueo teimoso. Esta é uma visão estática, naturalmente, pois a renovação é permanente. Nessa macrovisão, toda a humanidade é para o planeta como um único ser. Um único corpo. Algo que respira e flutua. Um cinturão flutuante de vida, circunscrito e pulsátil na atmosfera. Algo que tem começo, meio e fim.

Às vezes, nossa cabeça nos diz coisas estranhas. Olhamos bens à nossa volta, e emprestamos deles a natureza morta. Se a casa está de pé e o carro em plena forma, o que pode suceder a nós? Porém, o ritmo de nossa respiração assinala nosso estado precário. A vida é alguma coisa acima de todo entendimento materialista. A vida é essa bolha. Esse ar. Suspensão. Humanidade flutuante. Quem entender bem esta verdade, saberá viver melhor 2012. Livre de tanto peso. Fardo. Ferro. Tanta coisa que tenta nos desligar antes do tempo. Pesos e contrapesos que auxiliam a gravidade, em sua missão de nos tornar mais rápido em pó. Vamos apenas respirar. Flutuar. Viver. Quanto mais leve, melhor.

■ **Rui Raiol é escritor.**
(www.ruiraiol.com.br)

O mundo e o Brasil em 2012**MURILLO DE ARAGÃO**

Com este texto, encerro a trilogia de artigos que busca examinar o Brasil em 2012. Abordo, desta feita, os vetores internacionais e sociais.

O Brasil é um país paradoxal. Mesmo sendo a quinta economia do mundo e tendo um PIB maior do que, por exemplo, o Reino Unido, ainda apresenta baixo impacto no cenário internacional. Apesar de ser um dos maiores exportadores de commodities do mundo, sua participação no comércio mundial é pálida - menos do que 5%. E embora seja um dos destinos prediletos de investimentos estrangeiros em todo o planeta, o capital estrangeiro não representa 20% do PIB do país.

Em 2012, o Brasil continuará a sua lenta progressão rumo ao estrelato mundial. Seremos cada vez mais conhecidos. Exportaremos um pouco mais. Teremos mais investimentos estrangeiros. Como consequência, estaremos mais expostos aos humores de um mundo em crise econômica. A Europa estará em recessão e os Estados Unidos, provavelmente, estarão saindo lentamente dela.

Nesse cenário, nosso relativo isolamento, os fundamentos de nossa gestão econômica e a dinâmica de nosso mercado interno nos dão certa proteção e tranquilidade. Tanto por conta de nossas reservas quanto pela nossa capacidade de vender o que o mundo precisa, mesmo em crise.

Por um lado, um mundo em crise afeta as exportações. Por outro, a maior oferta de produtos no país combate a inflação.

Para o bem do Brasil, estamos um tanto distantes da confusão global é uma boa coisa. Em consequência, o quadro interno - ainda que não se configure ideal - será de satisfação da sociedade, que devolverá a sua boa percepção do ambiente político na forma de índices elevados de satisfação popular.

No campo social, examinando os sinais identificáveis, e a despeito das articulações contra a corrupção e de estudantes por conta de agendas específicas, a desestabilização da sociedade parece improvável. Junto à população, apesar da irritação de muitos, o ambiente psicossocial é favorável ao governo e isso se configura de forma hegemônica nos dias de hoje.

Combinam-se, favoravelmente, a imagem positiva de Dilma e o desempenho do seu governo na economia. O que resulta em uma massacrante aprovação, por um lado, e um imenso desinteresse pelas agendas propostas pela oposição.

Nesse sentido, falta ao Planalto uma estratégia de comunicação institucional efetiva, ainda que, de certa forma, a comunicação pessoal de Dilma seja mais do que adequada. Mas ajudaria ao governo e à sua imagem se suas ações obtivessem maior repercussão. Não apenas por meio de anúncios, aos quais ninguém presta atenção.

Entretanto, a lógica pública não deve presidir as estratégias de comunicação. Nem apenas buscar a imprensa como canal preferencial de comunicação. É uma tarefa difícil, já que, muitas vezes, o filtro da imprensa joga em dois campos que não interessam à cidadania: às vezes deixa de noticiar ações positivas do governo para não ser tachada de "chapa branca"; às vezes entra no mercado se vendendo em troca de anúncios gordos.

■ **Murillo de Aragão é mestre em Ciência Política e doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília.**